



FACULDADE UNIRB ARAPIRACA
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

CARLOS HENRIQUE OLIVEIRA FERREIRA

DESAFIOS DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA ESCOLA

Arapiraca/AL

2023

CARLOS HENRIQUE OLIVEIRA FERREIRA

DESAFIOS DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA ESCOLA

Monografia apresentada como
requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Esp. Carla Milene
Silva Lins

Arapiraca

2023

BIBLIOTECA ZUZA PEREIRA / FACULDADE UNIRB ARAPIRACA – UNIRB

FERREIRA, Carlos Henrique oliveira
Desafios da atuação do psicólogo na escola / Carlos Henrique
Oliveira Ferreira. – Arapiraca Al, 2023.
38f.

Monografia (graduação) do Curso de Bacharelado em Psicologia–
Faculdade Unirb Arapiraca – UNIRB.

Orientador (a): Prof (a): Carla Milena Silva Lins.

1. Desafios. 2. Educação. 3. Psicologia escolar.
I. Título.

CDD: 150

DESAFIOS DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA ESCOLA

CARLOS HENRIQUE OLIVEIRA FERREIRA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Carla Milene Silva Lins

Trabalho aprovado com média 10,0 em: 03/07/2023

BANCA EXAMINADORA

Carla Milene Silva Lins

Carla Milene Silva Lins - Orientadora:

Bruna Ramos Santos

Bruna Ramos Santos – Examinador(a)

Tayná Caroline Silva Sousa

Tayná Caroline Sousa - Examinador(a)

Arapiraca-AL

2023

Dedico esse trabalho aos meus pais,
que contribuíram muito na minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concebido a realização deste sonho, e que esteve comigo durante todo esse tempo.

Agradeço aos meus pais que foram importantes nesse processo por todo apoio na minha caminhada e nunca negando segurança, proteção e tranquilidade, agradeço também ao meu irmão por todo carinho e incentivo.

Não posso deixar de agradecer a minha querida avó, que sempre esteve me apoiando e me dando forças durante toda essa jornada, quero agradecer também aos meus amigos e colegas de curso, com quem convivi intensamente durante todo esse tempo, pelo companheirismo e pela troca de experiência que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando.

Por fim, agradeço a minha orientadora Carla Milene Silva Lins, por toda paciência e compreensão, sempre me mostrando o caminho certo, a instituição Unirb Arapiraca e todos os professores do curso de Psicologia que foram essenciais no meu processo de formação profissional.

Muito Obrigado!

*Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte,
não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua
vara e o teu cajado me consolam.*

(Sl. 23:4)

RESUMO

As perspectivas relacionadas ao trabalho do psicólogo na escola tendem a se fundamentar apenas em atendimentos clínicos, com enfoques limitados e ações descontextualizadas. O objetivo deste estudo, por conseguinte, é reconhecer as contribuições, os desafios e as oportunidades pertinentes à prática psicológica, especialmente no que se refere à função específica do psicólogo escolar e seu comprometimento com a formação do aluno. O trabalho foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica conceitual, fundamentada em produções científicas disponíveis em base de dados indexadas. Como resultado, observou-se que a psicologia tem um papel importante no contexto escolar, mas, ainda há uma série de fatores que dificultam essa atuação, como por exemplo, a capacitação dos profissionais, pois nas universidades, os acadêmicos de psicologia nem sempre são devidamente preparados para trabalhar no processo educacional. Na escola, a atuação do psicólogo vai além da atuação clínica direcionada para o aluno com problemas de aprendizagem. O seu trabalho deve considerar todo o contexto social em que o aluno se encontra inserido, a cultura peculiar a escola e o perfil dos profissionais que dela fazem parte. Há de se observar que o processo de desenvolvimento de aprendizagem é bastante complexo e sofre influência direta de inúmeros fatores.

Palavras-chave: Desafios; Educação; Psicologia Escolar.

ABSTRACT

Perspectives related to the psychologist's work at school tend to be based only on clinical care, with limited approaches and out of context actions. The objective of this study, therefore, is to recognize the contributions, challenges and opportunities pertinent to psychological practice, especially with regard to the specific function of the school psychologist and his commitment to the student's education. The work was carried out through a conceptual bibliographic review, based on scientific productions available in indexed databases. As a result, it was observed that psychology plays an important role in the school context, but there are still a number of factors that make this performance difficult, such as, for example, the training of professionals, because in universities, psychology students are not always duly prepared to work in the educational process. At school, the role of the psychologist goes beyond the clinical role directed towards students with learning problems. Their work must consider the entire social context in which the student is inserted, the culture peculiar to the school and the profile of the professionals who are part of it. It should be noted that the learning development process is quite complex and is directly influenced by numerous factors.

Keywords: Challenges; Education; School Psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 Psicologia Educacional e Escolar e Assistência Estudantil: discussões iniciais	14
2.2 O psicólogo escolar na construção da coletividade na escola	15
2.3 Possibilidades de Atuação do Psicólogo Escolar.....	17
2.4 Desafios na atuação do psicólogo escolar	22
2.5 Formação do psicólogo escolar.....	24
3 METODOLOGIA	27
4 RESULTADOS	29
5 DISCUSSÃO	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
7 REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral de estudo compreender quais são os desafios encontrados na prática do psicólogo escolar. Como objetivos específicos, pretendemos (1) investigar como ocorre a formação para prática do psicólogo escolar, (2) conhecer quais são as concepções teóricas que psicólogos escolares utilizam em sua prática e (3) identificar se os desafios encontrados na prática do psicólogo escolar dificultam o desenvolvimento de seu trabalho.

Segundo Oliveira, Souza e Rego (2002), ao longo da história da educação, as tentativas de fundamentar cientificamente a educação e o ensino sempre tiveram como ponto de apoio a psicologia, que ocupa uma posição de destaque em relação às demais ciências que fundamentam o ensino.

Desta forma, Oliveira e Teixeira (2002) afirmam que a educação é um fenômeno composto por uma diversidade complexa partindo das dimensões sociais, políticas, filosóficas, éticas, técnicas, históricas e dentre elas a psicológica que, embora não consiga abarcar toda complexidade do meio, pode desenvolver contribuições para amplas melhorias no âmbito educacional.

Nesta direção, Lemos (2010) destaca que é fundamental que o psicólogo escolar esteja atento as ações preventivas e não somente as ações interventivas, desenvolvendo seu trabalho junto aos professores e família, de forma que o aluno seja o grande beneficiado e tenha consequência a obtenção de sucesso em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Assim, entende-se que o psicólogo escolar deve estar envolvido nos aspectos sociais e educacionais, colaborando para uma melhor realidade educacional, com dignidade e qualidade.

Contudo, segundo Novaes (2010), na prática do psicólogo escolar existem muitos desafios, e o ponto de partida é a despreparação diante de sua formação para lidar com as novas realidades socioeducativas, tornando desafiante atender as demandas de uma sociedade emergente e diversa.

Diante destas considerações, percebe-se que existem desafios frente a atuação do psicólogo escolar, coube então neste trabalho buscar a compreensão destes desafios, refletir as concepções destes profissionais frente as dificuldades, possibilidades e novas perspectivas de atuação neste campo. A partir destes aspectos adotou-se como problema de pesquisa: Quais os desafios encontrados pelo psicólogo escolar em sua atuação profissional? Acredita-se que os desafios encontrados pelo psicólogo escolar perpassam a falta de credibilidade e aceitação do

seu trabalho; questões de ordem financeira; dificuldade em conseguir desempenhar o real papel do psicólogo escolar, devido a imposições da própria escola, dentre outros.

Entretanto, é importante compreender a própria nomenclatura desta área, que congrega dois campos de produção de conhecimento e atuação que se imbricam de modo indissociável – Psicologia Educacional/Escolar. A Psicologia Educacional se constitui como a área de conhecimento da Psicologia que se dedica à construção de um: *córpus* sistemático e organizado de saberes produzidos de acordo com procedimentos definidos, referentes a determinados fenômenos ou conjunto de fenômenos constituintes da realidade, fundamentado em concepções ontológicas, epistemológicas, metodológicas e éticas determinadas (Antunes, 2008, p. 470).

Já a Psicologia Escolar, se volta à produção de conhecimentos e práticas que devem subsidiar a atuação destas(es) profissionais, e tem como objeto a escola e as relações que nela se desenvolvem, com foco nos sujeitos que se empreendem em práticas educativas, sejam alunos, professores, gestores, famílias e comunidade. Importa destacar que tanto a Psicologia Escolar quanto a Educacional são marcadas pela diversidade de abordagens e teorias que constituem a Psicologia enquanto ciência (Antunes, 2008). No entanto, os saberes produzidos constituirão as bases para a construção de atuações mais criativas na escola, do mesmo modo que a prática profissional será fonte inesgotável de questões a serem investigadas cientificamente neste âmbito.

É nesse sentido que se afirma que as perspectivas para a inserção do psicólogo como profissional da educação em âmbito nacional, que não acontece ainda hoje, principalmente pela falta de uma política pública que garanta à população mais pobre o acesso aos serviços da Psicologia Escolar, estão interligadas às respostas que profissionais e pesquisadores destas áreas possam oferecer aos desafios lançados pelas demandas sociais e educacionais (Souza, 2009).

Porém, a escola é um sistema complexo que envolve várias redes de relações como uma espécie de trama em que se processa o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social como dimensões integrantes do psiquismo humano que, por sua vez, se amalgamam às condições do meio físico e social, constituindo a personalidade do sujeito, em um movimento dialético permanente em que concorrem as práticas culturais, socioeconômicas e políticas configuradas pelo sujeito no seu processo de desenvolvimento (Vygotsky, 1927/2004a; 1931/2007).

Desta forma, o psicólogo escolar deve integrar e ampliar estratégias que busquem compreender as causas das dificuldades da aprendizagem escolar e de outros aspectos inerentes aos alunos, como os fatores externos, no caso contexto escolar e social (NEVES, ALMEIDA, 2010).

Diante do contexto escolar perpassam diversos desafios, pois em nosso país existe extremas desigualdades, no qual a educação passa por diversas dificuldades e sérios problemas a serem resolvidos. Desta forma, o psicólogo neste contexto tem uma grande importância, porém deve-se investigar de que forma preparar este profissional para atender as demandas atuais, buscando conhecer as condições ofertadas para a sua formação que irá lhe propiciar maior diversidade de conhecimento, construindo profissionais mais aptos para o trabalho na área da educação (CRUCES, 2010).

Pesquisar sobre a atuação do psicólogo em âmbitos escolares é importante, pois conhecer e refletir sobre sua prática contribui para a busca de avanços coerentes com as premissas da psicologia escolar em contextos da educação. Viana (2016), afirma que o psicólogo escolar pode oferecer à educação informações científicas e úteis, possibilidades de aprendizagem, avaliação das capacidades intelectuais e afetivas relacionados com o processo de aprendizagem dos indivíduos, ampliar as concepções dos educadores e pais sobre os diversos pontos do desenvolvimento de crianças e adolescentes, e a relação destes com os aspectos sócios culturais que se estabelecem no meio educacional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Psicologia Educacional e Escolar: discussões iniciais

A relação entre Psicologia e Educação não é recente e passou/passa por constantes problematizações, o que é refletido na própria nomenclatura. Entre tantas conceituações e terminologias cunhadas historicamente (Psicologia Escolar, Psicologia Educacional, Psicologia na/da Educação, entre outras), é possível subtrair que essa diversidade reflete as múltiplas questões epistemológicas, ideológicas e políticas contidas na relação entre Psicologia e Educação (Barbosa & Souza, 2012). Para as autoras, essas diferenciações estão relacionadas à definição desse campo em termos de objetos de interesse, finalidades e métodos de investigação e/ou intervenção, e que se modificam ao longo do tempo.

Nesse sentido, é indispensável apresentar brevemente como se constrói essa relação e por que adota a perspectiva Psicologia Educacional e Escolar (Barbosa & Souza, 2012) para basear sua prática profissional e, conseqüentemente, este relato de experiência. Para tanto, partiu-se das discussões feitas por Antunes (2008), ao abordar a história, os compromissos e as perspectivas da Psicologia e a sua relação com a Educação, fazendo uma breve diferenciação entre Psicologia Educacional e Psicologia Escolar. Para ela, a Psicologia Educacional é entendida como subárea da Psicologia, que tem como vocação a produção de saberes relativos ao fenômeno psicológico constituinte do processo educativo. A Psicologia Escolar, por sua vez, define-se pelo âmbito profissional e refere-se a um campo de ação determinado, isto é, o processo de escolarização, tendo por objeto a escola e as relações que aí se estabelecem.

Em relação a essa discussão, Barbosa e Souza (2012) apontam que, de modo geral, essa divisão tradicional é muito disseminada por alguns teóricos e profissionais que mantêm a ideia de que a Psicologia Educacional fica a cargo de responder pela teorização e pelas pesquisas e a Psicologia Escolar pela prática.

O encontro entre a Psicologia e a Educação, datado do início do século XX, foi marcado inicialmente pela busca de explicações científicas para as diferenças de aprendizagem entre alunos, mas variou seu objeto de estudo ao longo do tempo, dadas as compreensões que marcaram cada período da sua história (Schwede, 2016). A partir dos anos 1980, a Psicologia se volta para um novo objeto de estudo na educação: o fracasso escolar, o qual guia os estudiosos ao contexto das relações estabelecidas no ambiente educacional, os processos de estigmatização e exclusão, as práticas educacionais, as desigualdades sociais e de gênero, a avaliação e o diagnóstico dos processos escolares, o papel do psicólogo e o real lugar da Psicologia nesse contexto. Assim, a discussão crítica no campo da Psicologia Educacional e

Escolar insere um novo eixo de análise do processo de escolarização: o papel das políticas públicas educacionais (Souza & Rocha, 2008).

Conceber a educação nesse contexto é reconhecer que ela é perpassada por diversas reformas educacionais, que incluem a organização escolar, o currículo, a democratização do acesso, a articulação com políticas públicas de outros segmentos, a qualificação profissional constante e, além de outros, a ampliação do acesso à educação superior.

Quanto à ampliação de acesso ao ensino superior, a discussão do papel da Psicologia é essencial, especialmente quando do surgimento do Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes), pois demarcou um novo posto de trabalho ao psicólogo nas políticas públicas educacionais para o ensino superior e reconheceu o importante papel que o psicólogo desempenha no processo de inserção e permanência do estudante na instituição universitária.

Porto (2017) ilustra como a atuação do psicólogo é marcada por diversas barreiras, muitas vezes construídas sob um desconhecimento da práxis do psicólogo em determinados cenários. A autora apresentou a experiência da atuação em uma Universidade Federal do Norte brasileiro, por meio da qual teve que lidar com diversas expectativas desalinhadas em relação ao profissional na universidade, destacando-se dois desafios principais: interferência da gestão institucional no trabalho técnico do psicólogo e a ausência de uma política de promoção à saúde mental da comunidade acadêmica.

Guerreiro (2019) também se lançou no estudo sobre a atuação do psicólogo no ensino superior, consultando psicólogos atuantes em IFs de um estado do Sudeste brasileiro, e identificou que os psicólogos estão transitando de uma vertente exclusivamente clínica e individual para intervenções preventivas e grupais, apontando que isso pode fortalecer a formação e a atuação profissional do psicólogo educacional e escolar, e auxiliar a compreensão do papel desse profissional no ensino superior.

2.2 O psicólogo escolar na construção da coletividade na escola

A escola é um espaço marcado historicamente pela diversidade de sujeitos que nela aportam, tais como: alunos, professores, gestores, pais, funcionários da secretaria, equipe de limpeza, profissionais da secretaria de ensino, dentre outros. Contudo, o compartilhamento de um mesmo espaço por diversos sujeitos, que exercem diferentes papéis, não garante a constituição da coletividade.

Isso porque a coletividade não está dada *a priori*, mas trata-se de um processo histórico, em que:

O fator que transforma o grupo em uma coletividade é a atividade conjunta de seus membros, uma atividade socialmente significativa e que responda, a um só tempo, as demandas da sociedade e aos interesses da personalidade, superando assim a contradição entre o individual e o grupal (Petrovsky, 1984, pp. 8-9, tradução nossa).

Também é nessa direção que Lane (1989) defende a ideia de se compreender não o grupo, mas o processo grupal, o que implica dizer que é preciso desvelar as condicionantes históricas e materiais que fizeram aquela equipe chegar a ser o que é, para que se possa superar os desafios que se impõem ao cotidiano na escola. Para a autora, todo grupo vive a contradição entre a reprodução das formas de relação do *status quo*, sustentadas pela lógica capitalista, pautada nas ideias de culpabilização dos indivíduos pelos “resultados não alcançados”, e a possibilidade de se produzir novas formas de ser, pensar e estar no mundo.

Fica evidente que o funcionamento do grupo é análogo ao que Marx e Engels (1989) afirmam ser o movimento do desenvolvimento: do mesmo modo que o homem ao modificar a natureza modifica a si mesmo, em movimento dialético permanente, o sujeito ao atuar no grupo o constitui e o modifica ao mesmo tempo em que é constituído e modificado por ele. A coletividade é, portanto, resultado do trabalho humano, possibilitada por espaços que permitam aos envolvidos construir e compartilhar valores, visão de mundo, de sujeito, e objetivos comuns, que sejam socialmente significativos para todos e para cada um dos membros do grupo, bem como para os demais grupos da sociedade que esta coletividade se relaciona (Petrovsky, 1984; Lane, 1989; Dugnani & Souza, 2016).

Este desafio se mostra especialmente complexo quando se trata de escolas públicas. Embora se alardeie aos quatro ventos a importância da Educação para a transformação social, o que se vê, atualmente, parece favorecer o desmonte de suas bases, relegando-se às camadas mais pobres da população instituições de ensino cada vez mais precárias. Esse mecanismo perverso resulta no pouco domínio dos alunos dos conteúdos escolares², no adoecimento de professores e gestores, na desvalorização do acesso à educação como ferramenta de transformação e no tensionamento das relações na escola (Libâneo, 2012; Fernandes, 2015). O que fazer diante de um cenário tão desolador? É possível construir a coletividade em um ambiente tão adverso?

Pensamos que sim; mais do que possível, vemos a coletividade como potencial forma de superação das condições perversas e alienantes impostas pelo sistema político-econômico à educação pública (Petrovsky, 1984; Lane, 1989; Charlot, 2013). Como afirma Lane (1989), o primeiro trabalho de um coletivo é constituir-se como tal. É aqui que pensamos que a Psicologia pode contribuir: a criação e manutenção de espaços que levem os diversos atores escolares a

questionarem e refletirem sobre as bases da escola. Que escola temos? Que escola queremos? O que podemos fazer para construir esta escola? Quais são nossas possibilidades e limites? Qual é o tom das relações interpessoais na escola?

O que queremos evidenciar neste texto e em nossas intervenções é que é preciso criar situações para que as contradições sejam acessadas pelo grupo e possam ser configuradas em um processo de desenvolvimento de consciência coletiva. As contradições são forças motrizes dos processos grupais e das mudanças, pois podem levar o grupo a um movimento em espiral, em que concorrem acordos e desacordos, congruências e incongruências, criando a necessidade de se construir sínteses em que todos e cada um se reconheçam como constituídos e constituintes da e na realidade (Lane, 1989). Nas palavras da autora “as contradições são as sínteses dos diversos” (p. 82).

Os momentos de tensionamento, divergências e resistências, são partes necessárias deste processo, já que sujeito e grupo são convidados, a um só tempo, a saírem de si e olharem para os outros e a serem olhados pelos outros. De nossa perspectiva, a coesão e harmonia irrestrita de um grupo é algo preocupante, pois revela a falta de questionamento, de incômodos, de reflexão, que são condição para a mudança como demonstrado em Dugnani e Souza (2016).

Com vistas a contemplar tamanho desafio, procuramos em nossos trabalhos, focar nos processos relacionais, mediar os diálogos, de modo que o grupo seja capaz de ouvir e acolher as divergências, as contradições e as concordâncias. Saber lidar e conduzir os momentos de tensão, as discussões, as tentativas de impor sua opinião sobre os demais, as disputas de poder, enfim, promover espaços reais de fala e escuta são, em última instância, papéis da(o) psicóloga(o) na construção da coletividade

2.3 Possibilidades de Atuação do Psicólogo Escolar

As possibilidades de atuação do psicólogo na instituição escolar constituem, ainda, um tema de reflexão e de debate entre esses próprios profissionais, especialmente entre aqueles interessados em contribuir para o melhoramento da qualidade do processo educativo. (MARTINEZ, 2010, P, 40)

Os profissionais da área Escolar e Educacional, embora tenham, cada vez mais, avançado no conhecimento dos processos de escolarização assim como das problemáticas históricas e contemporâneas da educação, ainda têm muitos desafios nesse âmbito de atuação. E, nesse cenário de muitas e múltiplas demandas, apoiados nos princípios de uma Psicologia

Escolar crítica e contextualizada, que o Conselho Federal de Psicologia propõe para a atuação de psicólogos (os):

Compor com a equipe escolar, a elaboração, implementação e avaliação do Projeto Político Pedagógico da Escola e, a partir dele, construir seu projeto de atuação, como um profissional inserido e implicado no campo educacional; problematizar o cotidiano escolar, colaborando na construção coletiva do projeto de formação em serviço, no qual professores possam planejar e compor ações continuadas; construir, com a equipe da escola, estratégias de ensino aprendizagem, considerando os desafios da contemporaneidade e as necessidades da comunidade onde a escola está inserida; considerar a dimensão de produção da subjetividade, sem reduzi-la a uma perspectiva individualizante, afastando-se do modelo clínico assistencial; valorizar e potencializar a construção de saberes, nos diferentes espaços educacionais, considerando a diversidade cultural das instituições e seu entorno para subsidiar a prática profissional; buscar conhecimentos técnico-científicos da Psicologia e da Educação, em sua dimensão ética para sustentar uma atuação potencializadora; produzir deslocamento do lugar tradicional da (o) psicóloga (o) no sentido de desenvolver práticas coletivas que possam acolher as tensões, buscando novas saídas para os desafios da formação entre educadores e educandos; romper com a patologização, medicalização e judicialização das práticas educacionais nas situações em que as demandas por diagnósticos fortalecem a produção do distúrbio/transtorno, da criminalização e da exclusão (RODRIGUES, 2016, p.35).

Deste modo, a atuação do psicólogo educacional tem se voltado ao atendimento de demandas coletivas, com o objetivo de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem e favorecer o desenvolvimento sócio emocional de crianças e adolescentes que frequentam o contexto escolar. Nesse sentido, as ações do psicólogo escolar podem estar voltadas à promoção da reflexão sobre a realidade e o cotidiano da escola, por meio do diálogo entre os seus atores (GUZZO, 2005), bem como ao favorecimento das relações interpessoais entre os agentes educacionais, alunos e suas famílias (MARINHO-ARAÚJO E ALMEIDA, 2005).

Conforme lembra GUZZO (2001), o atual paradigma de atuação profissional do psicólogo escolar propõe um trabalho a partir das transformações sobre as concepções cristalizadoras acerca do desenvolvimento humano; da mudança de foco do fracasso escolar para uma cultura de sucesso escolar; da substituição do paradigma da doença para o da saúde psicológica; da construção de estratégias de intervenção que visem à promoção da saúde e do bem-estar dos sujeitos.

Autores como MEIRA (2003;2007) e Patoó (2000;2003) vêm apontando que é possível, por meio do desenvolvimento de um pensamento crítico e uma atuação crítica em psicologia escolar, provocar grandes transformações na realidade social. A adoção da concepção crítica sobre a realidade educacional contribui para que o trabalho com alunos, pais e educadores supere as análises descontextualizadas e preconceituosas relacionadas ao aluno e as suas dificuldades na escola. Essa premissa nos permite vislumbrar outras formas de atuação que

busquem superar o modelo hegemônico, historicamente presente na Psicologia brasileira. É fundamental que qualquer movimento questionador de uma dada realidade também realize novas propostas e contribuições que sejam úteis na prática cotidiana dos profissionais.

Com o objetivo de apresentar as possibilidades de atuação do psicólogo no contexto escolar, Martinez (2010), classifica as formas de atuação do psicólogo na escola em dois grupos: os “tradicionais” e os “emergentes”.

Essa classificação tem apenas como objetivo gerar visibilidade sobre as formas de atuação que apresentam correspondência com a concepção ampla de Psicologia Escolar a que temos feito referência e que, mesmo não estando ainda consolidadas no País, se mostram promissoras para fortalecer a contribuição da Psicologia para a otimização dos processos educativos na instituição escolar.

No entanto, é importante salientar que ambas as formas de atuação, as “tradicionais” – aquelas que podem ser consideradas com uma história relativamente consolidada – e as “emergentes” – as que apresentam configuração relativamente recente –, coexistem e guardam entre si inter-relações e interdependências diversas. (MARTINEZ, 2010).

A Avaliação, o diagnóstico, o atendimento e encaminhamento de alunos com dificuldades escolares, foram durante muito tempo uma das mais tradicionais funções do psicólogo na escola. Esta função e representação social era resultado de uma abordagem clínica que foi hegemônica na Psicologia durante muito tempo. (MARTINEZ, 2010, P. 44).

Todo processo de avaliação, diagnóstico, atendimento, tinha um caráter significativamente rotulador e estático, que vai contra ao modelo emergente, de atuação do psicólogo na escola. Cujo o caráter é qualitativo, processual, comunicativo e construtivo do diagnóstico e da avaliação das dificuldades escolares vai superando, não sem dificuldades. (MARTINEZ, 2010).

Martinez (2010), salienta para a importância do trabalho do psicólogo direcionado à “compreensão da gênese das dificuldades escolares, elemento essencial para o delineamento das estratégias educativas e cujo acompanhamento, em parceria com o professor e com outros profissionais, constitui a via para a superação dos problemas detectados”. (Idem, p. 44). Nos últimos anos adquire visibilidade às formas de atuação que têm adquirido e que estão associadas a uma concepção muito mais ampla e abrangente do psicólogo na instituição escolar.

Segundo Martinez (2010), o Psicologia escolar deve atender a uma demanda de nível institucional, especialmente no que diz respeito à subjetividade social da escola, visando delinear estratégias de trabalho favorecedoras das mudanças necessárias para a otimização do processo educativo.

Deste modo, a partir de um sensível processo de diagnóstico e análise das necessidades institucionais, o psicólogo pode sugerir, delinear e coordenar estratégias de intervenção direcionadas a potencializar o trabalho em equipe, mudar representações cristalizadas e inadequadas sobre o processo educativo, desenvolver habilidades comunicativas, mediar conflitos, incentivar a criatividade e a inovação, melhorar a qualidade de vida no trabalho e outras tantas ações, como contribuição significativa para o aprimoramento do funcionamento organizacional.

Poder vislumbrar a escola, simultaneamente, nas dimensões psicoeducativa e psicossocial permite ao psicólogo o delineamento de estratégias de trabalho que, a partir da articulação das duas dimensões, sejam mais efetivas para a otimização dos processos educativos que ocorrem nela. A interessante proposta de Marinho- Araújo e Almeida (2005) para a atuação preventiva do psicólogo na instituição escolar expressa, em grande medida, essa ideia.

Como é possível apreciar, a maior parte das ações que temos denominado como formas de atuação “emergentes” estão vinculadas à dimensão psicossocial da instituição escolar, expressão de uma concepção mais ampla das possibilidades de atuação do psicólogo nesse contexto.

Vale enfatizar que as chamadas funções “emergentes” coexistem e se articulam com as formas de atuação que tradicionalmente têm caracterizado as ações do psicólogo no contexto escolar, aspecto que resulta positivo, se considerarmos as mudanças qualitativas que se operam nelas e sua significação para o trabalho educativo que, como um todo, se realiza na escola.

Conforme colocado por Guzzo (2008) ainda são poucos os psicólogos que atuam nas redes públicas de educação e, muitos dos que atuam, o fazem de forma precarizada. Para a autora, esse quadro se deve às dificuldades enfrentadas por estes profissionais diante da falta de compreensão do papel do psicólogo escolar, em virtude de concepções historicamente constituída nessa área.

Vemos então desafios e empecilhos, que podem ser gerados a partir de uma representação social equivocada da importância do Psicólogo neste espaço. Muitas vezes os psicólogos são percebidos como incapazes de resolver os problemas que afetam o cotidiano escolar, e gera desse modo, uma rejeição por parte de professores e coordenadores pedagógicos, fato exemplificado nosso grupo de extensão quando este procurou junto aos professores indaga-los sobre possíveis temas a serem trabalhados por eles.

Representação equivocada que pode também sustentar a negação que o Estado atribui ao Psicólogo na escola, fato que pode estar relacionado a alguns critérios da Lei de Diretrizes e

Bases (LDB/1996) da Educação Nacional. No artigo 71, inciso IV, que exclui o psicólogo das despesas educacionais.

Contudo, o psicólogo escolar tem sua especialidade ainda pouco difundida. Apenas em 1990, com a formalização da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), houve possibilidade de fortalecimento desse campo de atuação no Brasil, conforme Samuel Pfromm Netto (1995) comenta: “o surgimento da ABRAPEE constituiu o coroamento dos esforços de todos quantos vinham se empenhando para dar uma posição de relevo à Psicologia Escolar em nosso meio para consolidar seu status de área de atuação, de investigação científica e de preparo profissional”.

Numa perspectiva histórica da Psicologia Escolar no campo internacional, Batsche e Knoff (1995, p. 569-570) enfatizam a tendência inicial da realização de diagnósticos classificatórios para encaminhamento de crianças a classes especiais, a partir de uma lei americana de 1975 (Public Law 94-142, apud Hightower, Johnson e Haffey, 1995) destinada a garantir a Educação para crianças com deficiências. A atuação do psicólogo escolar era, marcadamente, remediativa e focalizada no indivíduo, uma vez que a tendência psicometrista predominava, enquanto a prática da Psicologia se apoiava na aplicação de testes. Nessa tentativa de participar do corpo administrativo escolar, o psicólogo precisava limitar-se ao cliente-aluno, evitando interferir nas decisões docentes, como se o seu campo de estudo pudesse estar alheio à influência do ambiente.

Entretanto, os problemas escolares como evasão, repetência, diferenças sociais, associados aos avanços da ciência, levaram o psicólogo a buscar um outro nível de contribuição eficaz. O modelo clínico passou a ser criticado na escola porque não questionava o sistema escolar (Andaló, 1984, p.43-46). Surgiu a preocupação em valorizar o processo de aprendizagem, priorizando-se uma atuação mais abrangente e indireta, voltada para programas de treino para alunos com dificuldades, preparação e treinamento de professores, o que Almeida e Guzzo (1992, p.126) apontam como um salto marcante que resultou em “uma prática mais incisiva, presente e eficiente da Psicologia no contexto educativo”. O psicólogo tornou-se requisitado como um solucionador de problemas, numa intervenção remediativa, porém com foco de atuação institucional.

A mudança para um enfoque preventivo decorre, segundo Almeida e Guzzo (1992), de movimentos da Educação e da Psicologia, rompendo com uma visão reducionista para lançar-se em objetivos amplos, onde a saúde mental passou a ter relevância, abarcando a responsabilidade pelo desenvolvimento integral dos educandos. A prevenção primária, embora mais difícil, procura mudar a incidência de novos casos, intervindo proativamente, isto é, antes

que os distúrbios ocorram (Knoff, 1995). São diversas as vantagens: As competências podem ser aumentadas por meio da educação; O treino pode auxiliar pessoas a desenvolver estratégias competitivas contra círculos viciosos de efeitos negativos ou situações estressantes de vida; O ambiente pode ser modificado para reduzir ou conter circunstâncias prejudiciais; Sistemas de apoio podem ser desenvolvidos mais amplamente.

A prática de ação dos psicólogos escolares se voltou para a escola fundamental (Witter et alii., 1992; Guzzo e Weschler, 1993) e o modelo clínico de intervenção continuou predominando, mas com a nova concepção do contexto educacional, acreditando-se na promoção de saúde, que passou a representar um recurso indispensável na expectativa de um desenvolvimento satisfatório.

Portanto, a saúde é um processo complexo, qualitativo, que define o funcionamento completo do organismo, integrando de forma sistêmica o somático e o psicológico, formando uma unidade onde um atua sobre o outro. Além disso, o indivíduo é influenciado pelas interações pessoais e transações com o meio; por isso, para compreender o desenvolvimento emocional, é preciso ter em mente uma perspectiva biopsicossocial, de aspectos que interagem e se complementam no sujeito em formação. Não só o indivíduo é modelado pelo ambiente, como também o modela, e isso acontece para cada um de forma diferenciada, conforme descreve Rey (1993).

2.4 Desafios na atuação do psicólogo escolar

Soares e Marinho-Araújo (2010), afirmam que existem muitos desafios que percorrem os cenários educacionais e é essencial buscar formas de atuação que inovem e ampliem este campo. Zavadisk e Facci (2012), entendem que a constituição da subjetividade do indivíduo está estreitamente envolvida com o contexto escolar, local no qual o indivíduo se apropria de conteúdos historicamente acumulados, humanizando-se.

Martínez (2010), afirma que experiências de trabalho na escola têm demonstrado que o psicólogo em muitas situações é percebido de forma apreensiva por parte de outros profissionais do contexto escolar, sendo rejeitado, devido à representação de sua incapacidade para resolver os problemas que afetam a rotina da instituição escolar.

O psicólogo no contexto escolar, mesmo depois de décadas de intervenção junto a problemas de aprendizagem, mostra através de sua prática, evidências de sua impotência, sendo visto pela comunidade como profissional da doença, e que, por consequência de sua formação, acaba reproduzindo o modelo clínico em sua prática profissional no contexto escolar. Assim

fica evidente falhas neste modelo de intervenção, pois a instituição escolar precisa de um modelo que atue de forma mais ampla, incluindo todos que estão inseridos neste contexto (GUZZO, 2010). Neste sentido Almeida (1999, p. 84, grifo da autora), afirma que:

O psicólogo na escola e fora dela, perdeu espaço para o psicopedagogo, pois dar atenção e atender às crianças com dificuldade de aprendizado lhe imputaria o julgamento do estar “focalizando apenas no indivíduo”, não importando o fato de que nas nossas escolas e salas de aula, se encontram inúmeras crianças que demandam orientação e ajuda psicológica.

Segundo Novaes (2010, p. 129), muitos psicólogos saem despreparados da universidade para enfrentar as novas realidades sociais e educativas, não conseguindo atender as demandas de uma sociedade que perpassa por dificuldades em diversas situações educacionais. “Para enfrentar os desafios do novo século, competências importantes estariam centradas na criatividade, na capacidade de buscar, relacionar e integrar fatos, informações que tornam sua contribuição mais eficaz”.

Deste modo, um dos desafios encontrados pelo psicólogo escolar em sua prática é a preocupação excessiva em solucionar todos os problemas educativos que na maioria das vezes está ligado a diversos fatores, e isto acaba por fragilizar sua própria atuação, sentindo impotência e fracasso profissional (NOVAES, 2010). A autora afirma também que é comum haver resistência de outros profissionais frente à atuação do psicólogo escolar, o mesmo é considerado elemento persecutório, visto com olhar de quem chega para analisar, investigar e interferir (NOVAES, 1970).

Barreto, Cafalange e Lima (2009) definem quais os desafios registrados com uma maior frequência por psicólogos escolares: indefinição do papel do psicólogo escolar; a indefinição de atribuições; a dificuldade de diálogo com os outros profissionais que acarreta em uma disputa interna entre psicologia e pedagogia; a carga horária reduzida por não terem condições de manter um psicólogo ou por dar prioridade a outras áreas; a formação insuficiente para atender devidas solicitações do contexto da escola e a maioria dos profissionais se mostra resistente e trabalham de forma individualizada.

Assim, Rossi e Paixão (2010), destacam que o desafio está no atendimento completo de alunos, professores e de toda comunidade escolar, um trabalho multiprofissional que requer muito mais atenção de que um simples “fazer” comum a todos os membros da equipe.

Para o enfrentamento destes desafios o psicólogo deve investir em sua qualificação, pois se desconsiderar a dinâmica do mundo a sua volta, ficará mumificado ao desenvolvimento e perderá toda e qualquer oportunidade de atuar como agente de mudanças e colaborar para

quebrar paradigmas que estão em descompasso com o desenvolvimento da sociedade e do conhecimento (BARRETO, CAFALANGE, LIMA, 2009).

Diante dos desafios encontrados na prática do psicólogo escolar considera-se que o conhecimento da psicologia e da educação precisa ser continuamente construído, revisitado, criticado, superado, buscando respostas e interferências nas possibilidades do desenvolvimento da formação do sujeito humano (SOUZA, 2009).

2.5 Formação do psicólogo escolar

Falar da formação do psicólogo escolar consiste em apropriar-se de concepções como ferramenta para o enfrentamento das complexidades que emergem a sua prática, assim refletir sobre a graduação para possíveis aprimoramentos na constituição destes profissionais (MARTÍNEZ, 2010a).

A Psicologia enquanto ciência, formação e mercado de trabalho tem sido, principalmente na última década, tema de interesse de pesquisadores e estudiosos nacionais e internacionais (Gonçalves, 1994; Yukimitsu, 1999).

Faz-se necessário repensar, principalmente, a formação do psicólogo visando ao desenvolvimento de habilidades científicas, teóricas e práticas, que lhe capacitem para atuar profissionalmente na identificação, intervenção e solução de problemas de relevância social para a realidade do terceiro milênio. Segundo Gonçalves (1999), é urgente uma reformulação curricular dos cursos de Psicologia tornando-os um conjunto harmônico de áreas de conhecimento integradas e interdisciplinarmente aplicadas e relacionadas à realidade sociocultural.

No tocante à Psicologia Escolar, voltada para a análise e intervenção em contextos educacionais e entendida como área de aplicação da Psicologia, na medida em que o reconhecimento legal das áreas de especialização não se encontra definido, a formação, de acordo com resultados de investigações recentes, deve estar pautada tanto na relação saber-poder-fazer equilibrada, que viabilize um crescimento significativo no conhecimento, quanto na dimensão do saber ser, articulando o profissional ao compromisso social, aos padrões éticos e valores que nortearão uma prática adequada e colocarão o psicólogo escolar como um agente social e cultural de mudanças (Wechsler, 1996; Pfromm Netto, 1996; Gonçalves, 1999). Além disso, discutir-se um novo paradigma para a formação do psicólogo escolar implica, segundo Guzzo (1999), analisar-se como vem sendo formado e como tem atuado esse profissional no Brasil, comparando-se essas informações a dados de outros países nos quais o psicólogo escolar

tem um espaço reconhecido no sistema educacional com papéis e funções bem definidas e diferenciadas.

Focalizando-se as áreas específicas de atuação, a Psicologia Escolar está a serviço de todos os que são educados ou influenciam o processo de desenvolvimento do educando sob todos os aspectos, considerando-se, de modo geral, o processo ensino-aprendizagem baseado no desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e social, a estrutura curricular, a orientação e formação continuada de professores e o estabelecimento de parcerias com as famílias desde a Educação Infantil ao Ensino Universitário.

Segundo os estatutos da Associação Brasileira de Psicologia Escolar - ABRAPEE (1991),

"entende por psicólogos escolares e educacionais aqueles profissionais, que devido a sua preparação universitária em Psicologia e experiências subsequentes nas áreas escolar e/ou educacional, trabalham para melhorar o processo ensino-aprendizagem no seu aspecto global (cognitivo, emocional, social e motor) através de serviços oferecidos a indivíduos, grupos, famílias e organizações" (p. 1).

Dessa forma, segundo Witter (1977) e Maluf (1994), o exercício profissional do psicólogo escolar é determinado pela influência de variáveis decorrentes de sua própria formação e opção teórica.

Considerando-se, pois, as características da atuação escolar do psicólogo, Witter (1999) apresenta vários estudos que foram realizados com o intuito de determinar quais aspectos deveriam ser priorizados na formação desse profissional. Segundo Gonçalves (1999), as seguintes áreas de estudo foram destacadas como prioritárias: Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, Educação Especial, Avaliação Psicoeducacional, Organização e Funcionamento Escolar, Técnicas de Aconselhamento, Técnicas de Modificação do Comportamento e Organização e Administração de Serviços. Apesar dessas disciplinas serem oferecidas pela maioria dos cursos de graduação existentes no país, a formação é insuficiente para o exercício da profissão, pois, além do domínio da técnica através das informações acadêmicas fornecidas, a capacitação para a prática é essencial.

Esta é oportunizada principalmente através dos estágios supervisionados, em geral, presentes apenas no último ano com carga horária pequena frente à demanda e abrangência de questões de caráter ético, social e educacional a serem discutidas visando uma atuação do Psicólogo Escolar em equipe multidisciplinar com uma visão interdisciplinar do processo de aprendizagem e aquisição de conhecimento adequada à nossa população escolar com toda a sua diversidade social, econômica, cultural, geográfica e étnica (Maluf, 1994; Witter, 1999; Gomes, 1999).

Atualmente, portanto, faz-se necessário repensar não somente a formação do Psicólogo, mas o papel das instituições de ensino. Possibilitar que a aprendizagem das habilidades básicas esteja inserida num contexto cultural e histórico com fins sociais pode ser uma das principais metas a serem atingidas para garantirmos educação de qualidade aos nossos alunos para o próximo milênio (Anderson, 1991; Myers, 1992; Cioffi, 1992; Joly, 1999).

O rápido progresso da ciência e da tecnologia, além das constatações sobre o cenário educacional, determina, segundo Alencar (1992), que o ensino deve estar voltado para preparar o aluno para questionar, refletir, mudar e criar a partir do melhor aproveitamento de seu talento e potencial, observando-se um consenso crescente entre pesquisadores de vários países quanto à necessidade de se criarem condições mais favoráveis ao desenvolvimento da criatividade.

3 METODOLOGIA

Tomando como ponto de partida o objetivo desta pesquisa, sendo identificar os desafios do psicólogo escolar, definiu-se aderir o método de pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico. Assim, a discussão será fundamentada em revisão de literatura realizada em livros e artigos científicos indexados nas bases de dados SciELO e PEPsic, a partir dos textos que versam sobre a história e a prática do psicólogo na escola, bem como os desafios enfrentados na realidade contemporânea. utilizando-se o termo Psicologia Escolar.

Foram selecionados e analisados artigos em português e que versavam sobre os temas que interessam a esse estudo: trajetória da psicologia escolar no Brasil, formas de atuação do psicólogo escolar, principais demandas e expectativas dos educadores sobre o serviço de psicologia escolar, principais dificuldades enfrentadas por esse profissional, importância desse serviço e possibilidades de atuação e excluindo as que não seriam interessantes à pesquisa. Foram utilizados, também, livros que versam sobre a história e a prática do psicólogo na escola.

Incluindo os que mostram a tabela abaixo:

Autores	Título	Classificação	Ano
NEVES, M.M. e al	Formação e atuação em psicologia escolar: análise das modalidades de comunicação no congresso nacional de psicologia educacional.	artigo	2002
GUZZO, R.S.L	Novos paradigmas para a formação e atuação do psicólogo escolar no cenário educacional brasileiro.	artigo	1999

CRUCES, A.V. V	Psicologia e educação: nossa história e nossa realidade.	artigo	2010
BARRETO, M. A; CALAFONGE, P.A.F.R	Estudo com psicologia escolar: ações e desafios.		2009
ANTUNES, M. A	Psicologia escolar e educacional: história, compromisso e perspectiva.	artigo	2008
ALMEIDA, S. F	O psicólogo no cotidiano da escola: resignificando a atuação profissional.	livro	1999
ABRAPEE	Estatuto da associação brasileira de psicologia escolar e educacional.	livro	1991

Tabela 1 – artigos e livros utilizados para fundamentação da metodologia.

4 RESULTADOS

Após levantadas as bibliografias, os textos foram analisados e sistematizados em quatro eixos de discussão: (1) Atuação do Psicólogo no contexto Escolar; (2) a Psicologia Escolar (3) Desafios da Atuação do Psicólogo Escolar e (4) Formação do Psicólogo Escolar.

No que se reflete a perspectiva atual da atuação do psicólogo no contexto escolar, se tem que o psicólogo deve buscar possibilitar reflexão e mudanças na realidade escolar. Assim, o que se observa, é que o psicólogo escolar vem atuando de diferentes formas, os psicólogos vêm promovendo grupos de discussão e outras formas de atendimento que não se centram apenas em práticas avaliativas ou clínica terapêutica, visto que, os processos de ensino-aprendizagem devem envolver ações que estimulem o desenvolvimento dos indivíduos, como por exemplo habilidades e competências. Contudo, sabe-se que, é necessário considerar a queixa escolar, as relações estabelecidas no dia a dia da escola, os atributos reais do ambiente e o âmbito familiar e social dos alunos, para que assim, o resultado dessa atuação seja efetivado.

Sobre a Psicologia Escolar, esta coincide em destacar possibilidade de uma atuação distinta, ela propõe uma urgência do profissional psicólogo se envolver com a mudança do método de culpabilização, estigmatização e de exclusão dos alunos que predominou como foco de atuação do campo em diferentes momentos históricos. Considerando a atuação do Psicólogo Escolar e a sua Formação, o psicólogo tem o compromisso de auxiliar os educadores a conterem como foco não a dificuldade, mas a promoção de superação dos modelos normalizadores do desenvolvimento infantil (NEVES, 2002).

Logo, psicólogo que atua na educação deve possibilitar ao professor acesso ao conhecimento psicológico relevante para sua tarefa de transmissão e construção do conhecimento. Desse modo, o papel do psicólogo escolar implicaria em lidar com a subjetividade e as relações interpessoais no âmbito da escola e em proporcionar aos docentes e demais profissionais da Educação uma reflexão sobre sua prática educativa.

Assim, ser psicólogo escolar exige conhecer as necessidades das pessoas no que se refere aos processos educacionais, não importando o contexto ou as condições sociais ou políticas em que estejam inseridas, isso quer dizer, se são ricas, pobres, capacitadas, deficientes, abandonadas (ALMEIDA, 1999).

O psicólogo, no ambiente escolar, deve buscar defender os direitos do indivíduo no atendimento de suas necessidades educacionais e promover seu desenvolvimento, sem discriminação ou intolerância de qualquer tipo ou grau, tendo o cuidado de não reproduzir

formas de dominação. Neste sentido, é preciso que o psicólogo tanto se encontre inserido no contexto no qual esses processos ocorrem como conheça aspectos históricos, econômicos, políticos e culturais da população e da comunidade que atende.

5 DISCUSSÃO

Com base no estudo realizado, constata-se que a psicologia escolar é uma importante área da psicologia que engloba conhecimentos na resolução e reflexão dos conflitos presentes na escola (ANTUNES, 2008). Entretanto, considera-se que os conhecimentos nela envolvidos não se reduzem somente à prática da psicologia na escola e pode fornecer aos futuros psicólogos, independente da área em que irão atuar, uma importante visão humana e psicossocial. Nisso, é possível afirmar que são distintas as áreas da psicologia e muitas vezes estas se interligam pelos conhecimentos próximos que possuem.

Em geral, os trabalhos indicam que a psicologia escolar, como área da psicologia, deve fornecer um olhar psicológico sobre as relações na escola e, a partir deste olhar, auxiliar na melhoria destas e dos processos educativos. Vale aqui lembrar que a psicologia escolar se tornou necessária ao sistema educacional a partir do seu "arcabouço psicométrico e clínico", fornecendo, nos primórdios de sua evolução no Brasil uma possibilidade de compreensão da queixa escolar, entretanto, ela não pode se resumir a este "arcabouço psicométrico".

A grande falha da formação do futuro psicólogo escolar é a visão unicamente voltada para a testagem e rotulação do aluno (BARRETO; CALAFANG; LIMA, 2009). Segundo os trabalhos pesquisados, a formação em Psicologia não fornece subsídios que embasem a atuação em psicologia escolar. Desta forma, sem a devida formação, os psicólogos que vão atuar nas escolas acabam por assumir práticas psicologizantes para os problemas que se apresentam nela. Práticas estas que em nada possibilitam uma atuação centrada na real atividade que um psicólogo deve exercer na escola.

A psicologia escolar deve ser uma possibilidade de mudança no meio escolar, catalisando as reflexões sobre os papéis e objetivos do grupo (CRUCES, 2010). Entretanto, ela ainda é uma área pouco conhecida entre os psicólogos, frisando-se o esquecimento na formação de conteúdos ligados à inclusão escolar, à estrutura e funcionamento das escolas públicas no Brasil, às especificidades da população brasileira, fatos que proporcionam práticas que legitimam a discriminação no ambiente escolar e patologizam as crianças. Por conseguinte, é necessário romper este antigo paradigma da psicologia escolar, com mais pesquisas e estudos nesta área.

O psicólogo escolar deve trabalhar em prol da educação e da aprendizagem, e para tal há a necessidade de uma formação que rompa com o ideal puramente clínico, e valorize mais a esfera psicossocial. Logo, a psicologia escolar é um importante componente dos cursos de psicologia, que possibilita compreender as mediações do ambiente e centra-se em um estudo

aprofundado sobre o contexto e as relações que nele são estabelecidas. Assim, torna-se válida a discussão sobre a formação nesta área.

Com base na presente pesquisa é possível afirmar que a psicologia escolar deve privilegiar a crítica e uma sólida formação científica em psicologia, para que os problemas recorrentes à má formação (atuações discriminatórias e patologizantes) não ocorram no futuro.

O ensino de psicologia escolar deve ser mais comprometido com a realidade social, articulando essas duas esferas de modo a proporcionar uma identidade para a área. Pois "cada vez mais, sente-se a necessidade de 'formar' profissionais identificados com a área, e que procurem colocar a Psicologia escolar como atividade profissional principal e não como mero 'bico'" (Santos; Toassa, 2015, p. 280).

Outro ponto importante sobre a formação em psicologia escolar é a questão da concepção de currículo em psicologia escolar. A questão da concepção sobre currículo é complexa e não surge em alguns trabalhos ou é colocada como um assunto secundário em outros, o que pode acontecer por alguns motivos: por haver questões mais imediatas a serem discutidas; pelo fato de, na graduação, não existir um currículo em psicologia escolar propriamente dito, mas algumas disciplinas que possam abordar tal aspecto; devido à grande parte dos currículos dos cursos de formação em psicologia, que desde os seus primórdios no Brasil, "reafirmavam o caráter clínico e de profissional liberal do psicólogo" (Souza, 1996, p.10).

A partir do posicionamento com relação à formação em psicologia é possível afunilar um pouco mais para o posicionamento com relação à formação em psicologia escolar que é fornecida pelas faculdades dando ênfase na necessidade de uma formação que possibilite e promova uma reflexão sobre o ambiente escolar. Uma formação que traga para este ambiente psicólogos que proporcionem práticas promotoras de reflexões sobre os papéis representados pelos diferentes grupos que compõem a instituição. Uma formação que capacite sobre como intervir em espaços coletivos existentes na escola, possibilitando o trabalho com estudos de caso e com os aspectos intersubjetivos que permeiam o trabalho educativo.

A psicologia escolar brasileira necessita de uma nova ética e compromisso social e, com isso, exige posturas para as quais os profissionais nem sempre estão preparados (NEVES, 2002). Muitas vezes, a formação em psicologia escolar na graduação é praticamente inexistente, principalmente porque as disciplinas responsáveis por tal formação não o fazem. Logo, torna-se imprescindível uma formação continuada para aqueles que irão atuar na escola. Porém, nem todos os psicólogos, ao ingressarem no mercado de trabalho, complementam a sua formação com especializações. Desta forma, a formação inicial, apesar de ser básica, deve, ao menos,

despertar a necessidade de uma formação complementar - embora haja o agravante de que nem todos os estados brasileiros têm a possibilidade de tal formação, em alguns casos há a necessidade de estes psicólogos buscarem-na em outros estados.

O ensino de psicologia deve estar voltado para a aquisição, compreensão e aplicação de um conhecimento genérico relativo à vida prática do futuro profissional e possibilitar o exercício de seu papel enquanto profissional e cidadão. Em linhas gerais, é na graduação que o futuro psicólogo estabelece seu primeiro contato com a área de escolar, atendendo, muitas vezes, as camadas excluídas da sociedade (GUZZO, 1999).

Com isso, seria necessária uma formação mais enfática sobre a questão dos problemas de aprendizagem e o compromisso social do psicólogo, trazendo possibilidades de mudança no quadro de negligência até hoje observado, no qual a ação do psicólogo somente serve para legitimar cientificamente a exclusão escolar, e dar continuidade ao círculo vicioso em que essas camadas vivem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foram analisados os Desafios da Psicologia Escolar a partir de uma revisão de leitura, realizada por meio de coleta de dados em artigos indexados em períodos científicos.

A psicologia escolar se desenvolveu baseada em um modelo clínico-terapêutico, no qual o profissional atuava de forma descontextualizado, sem considerar o desenvolvimento e todo o contexto em que o aluno está inserido. Apesar dos avanços nas áreas e das intensas críticas a esse modelo, o trabalho do profissional psicólogo dentro das escolas ainda é dificultoso, que requer tempo, observação e habilidade para lidar com as demandas encontradas, e que algumas vezes, esse não é visto e nem reconhecido, mas precisamos focalizar que é em pequenos passos que se resulta em grande avanço.

Compreendemos que, ao se tratar de psicologia escolar, o trabalho deve ser, além de interdisciplinar, contextualizado, uma vez que o profissional da psicologia escolar deve atuar considerando o aluno e todos os seus contextos de desenvolvimento, ter conhecimentos básicos sobre as teorias e práticas do trabalho, bem como estar em constante estudo e profundamente ao longo de sua atuação.

Um dos maiores desafios encontrados pelos psicólogos no contexto escolar é o trabalho em grupo, pois nem todos os funcionários presentes na escola, pais e a comunidade cooperam no planejamento escolar que visam o desenvolvimento do aluno, deixando de se engajar nas atividades propostas.

O trabalho do psicólogo é de grande relevância também na universalização dos direitos, na prevenção e promoção da saúde dentro das escolas, na discussão com a equipe interdisciplinar estratégias para o desenvolvimento estudantil e, principalmente, ele deve estar atento às demandas trazidas pelos integradores da escola e dar voz ao aluno para que ele também seja ouvido.

No que tange às questões acadêmicas com relação a formação do acadêmico de psicologia, que também pode ser notado como outro fator degradante para a psicologia escolar, é a falha quando há divergências entre abordagens individuais e grupais, o acadêmico corre o risco de não manejar e nem compreender de maneira correta a atuação no contexto escolar. O maior risco ainda é quando já há essa carência de informação, e na prática, passa a ser guiado por outros profissionais da equipe pedagógica que se limita a modelos clínicos.

Nessa direção, devemos nos atentar também para os psicólogos que ficam submetidos às coerções das escolas. Os gestores escolares muitas vezes impõem trabalhos que não estão ao alcance dos psicólogos, ou até mesmo que vão contra o Código de Ética de psicologia.

Acrescentando as propostas teóricas neste trabalho, destaca-se nos tempos atuais em que se constituem os afazeres práticos do psicólogo na escola: a priori o profissional deve fomentar os conhecimentos específicos da Psicologia com os conhecimentos educativos. Para isso, é necessário inteirar-se com a tese da educação e o regimento da escola enquanto instituições e características para que estes conhecimentos possam ser estruturados.

Sendo assim, esta atuação proporciona atingir todos objetivos educacionais e o saber das práticas da psicologia em maior plenitude, uma vez que este é o profissional mais adequado a lidar com relações e desenvolvimento humano. Antunes (2008) reforça os compromissos com as classes populares as principais mudanças ocorridas e defende uma lei que preceitua que o governo deveria colocar psicólogo escolar em seu campo de atuação, bem como fonoaudiólogos e outros profissionais que auxiliam no desenvolvimento infantil perante a escola.

Dessa forma, os resultados encontrados no presente estudo denotam as possibilidades de atuação do psicólogo na instituição escolar. Contudo, há um amplo leque de possibilidades de atuação que vem desenvolvendo devido às complexas demandas da educação brasileira. Destaca-se a relevância do trabalho interdisciplinar e a atuação do psicólogo não só na dimensão psicoeducativa, como também na dimensão psicossocial da instituição escolar.

7 REFERÊNCIAS

- ABRAPEE (1991) **Estatuto da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. Campinas. São Paulo.
- ALMEIDA, S. F. O psicólogo no cotidiano da escola: ressignificando a atuação profissional. In: GUZZO, R. S. L. (Org.). **Psicologia Escolar: LDB e educação hoje**. Campinas: Alínea, 1999. cap. 4, p. 77-90.
- ANDERSON, J. (1991) *Technology and Adult Literacy*. NY, Routledge.
- ANTUNES, M. A. M. **Psicologia escolar e educacional: história, compromissos e perspectivas**. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 12, n. 2, p. 469-475, 2008.
- BARBOSA, R. M.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. **Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas**. *Estud. psicol.*, Campinas, vol. 27, n. 3, p. 393-402, 2010.
- BARRETO, M. A.; CALAFANGE, P. A. F. R. D.; LIMA, Z. P. **Estudo com Psicólogos Escolares: Ações e desafios**. *SciELO*, Curitiba, vol. 27, p. 262-269, 2009.
- CAMPOS, L. F. A. A.; MORCILLO JR., R. G.; LIRA, P. S. Atuação do psicólogo escolar na rede pública de ensino: assessoramento institucional (?). In: **Anais do X Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional-CONPE**. 2011. p. 992-1004.
- CERVO A. L., BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Pretince Hall, 2007.
- CORRÊA, D. M. W.; SILVEIRA, J. F.; ABAID, J. L. W **O Psicólogo (a) e a Instituição Escolar**. s/d. Disponível em: <https://www.unicerp.edu.br/public/magazines/docs/e7161a5ac373-ce8b.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- CRUCES, A. V. V. Psicologia e educação: nossa história e nossa realidade. In: ALMEIDA, S. F. C. (Org.). **Psicologia escolar, ética e competências na formação e atuação profissional**. Campinas: Alínea, 2010. cap.1, p. 17-36.
- GERHARTD, T. E., SILVEIRA, D. F. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: Editora da Ufgrs, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, C.L.C. (1996) Formação em psicologia escolar no exterior e no Brasil. IN WITTER, C. (org.) **Ensino de Psicologia**. Campinas, Ed. Alínea.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. Tradução: Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- GUZZO, R. R. L. Educação para Liberdade, Psicologia da Libertação e Psicologia Escolar: umas práxis para a liberdade. In: ALMEIDA, S. F. C. (Org.). **Psicologia escolar, ética e**

competências na formação e atuação profissional. Campinas: Alínea, 2010. cap.9, p. 169-177.

GUZZO, R. S. L (1999) Novo paradigma para formação e atuação do Psicólogo escolar no cenário educacional brasileiro. IN GUZZO, R. S. L. (org.) **Psicologia Escolar: LDB e Educação Hoje.** Campinas, Ed. Alínea.

LEMOS, D. C. R. B. **Trilhas da psicologia escolar: um estudo sobre a prática do psicólogo escolar e suas contribuições para comunidade.** 2010. 161 f.

MALUF, M. R. (1994) Formação e atuação do psicólogo na educação: dinâmica de transformação. IN CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA **Psicólogo Brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação.** São Paulo, Casa do Psicólogo.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

MARTÍNEZ, A. M. O Psicólogo na Construção da Proposta Pedagógica na escola. In: ALMEIDA, S. F. C. (Org.). **Psicologia escolar, ética e competências na formação e atuação profissional.** Campinas: Alínea, 2010a. cap. 5 p. 105-123.

NEVES, M. M. B., ALMEIDA, S. F. C. A atuação da psicologia escolar no atendimento aos alunos encaminhados com queixas escolares. In: ALMEIDA, S. F. C. (Org.). **Psicologia escolar, ética e competências na formação e atuação profissional.** Campinas: Alínea, 2010. cap. 4 p. 83-103.

NEVES, Marisa M. et al. Formação e atuação em psicologia escolar: análise das modalidades de comunicações nos congressos nacionais de psicologia escolar e educacional. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 22, p. 2-11, 2002.

NORONHA, A. P. P. **Docentes de psicologia: formação profissional.** Estudos de Psicologia, vol. 8, n. 1, p. 169-173, 2003.

NOVAES, M. H. A convivência em novos espaços e tempos educativos. In: GUZZO.R.S.L. (Org.). **Psicologia escolar LBD e educação hoje.** Campinas: Alínea, 2012. cap. 5, p. 73-81.

O que pode fazer o psicólogo na escola? Em Aberto, Brasília, vol. 23, n. 83, p.39-56, mar. 2010b.

(Org.). **Introdução à psicologia escolar.** São Paulo: Casa do Psicólogo,1997.

OLIVEIRA, M. K.; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. In: _____, **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea.** São Paulo: Editora Moderna, 2002. Introdução, p. 07-19.

OLIVEIRA, M. K.; TEIXEIRA, E. A questão da periodização do desenvolvimento psicológico. In: OLIVEIRA, M. K.; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea.** São Paulo: Editora Moderna, 2002. cap. 01, p. 23-46.

PATTO, M. H. S. O que a história pode dizer sobre a profissão do psicólogo: a relação Psicologia-Educação. In: BOCK, A. M. B. (Org.). **Psicologia e o compromisso social.** São Paulo: Cortez, 2003. cap. 02, p. 29-35.

Perspectivas para o futuro da psicologia escolar. In: WECHSLER, S. M. (Org.). **Psicologia escolar pesquisa, formação e prática**. Campinas: Alínea, 2011. cap.3, p. 51-60.

Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

Psicologia Escolar. Petrópolis: Vozes, 1970.

ROSSI, T. M. F.; PAIXÃO, D. L. L. Significações sobre a atuação do psicólogo escolar. In: ALMEIDA, S. F. C. (Org.). **Psicologia escolar, ética e competências na formação e atuação profissional**. Campinas: Alínea, 2010. cap. 08, p. 147-166.

Repensando a Formação e o Exercício Profissional do Psicólogo Escolar na Sociedade Pós-Moderna. In: ALMEIDA, S. F. C. (Org.). **Psicologia escolar, ética e competências na formação e atuação profissional**. Campinas: Alínea, 2010. cap.6, p. 127- 134.

SANTOS, E.; BEZERRA, M. S. P. S.; TADEUCCI, M. R. S. **Educação: a importância do psicólogo no contexto escolar**. Anais do XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, p. 01-06.

SANTOS, Fábria de Oliveira; TOASSA, Gisele. A formação de psicólogos escolares no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, p. 279-288, 2015.

SOUZA, C. S. **A atuação do psicólogo escolar na rede particular de ensino da cidade de Uberlândia- MG**. 2010. 230 f.

SOUZA, M. P. R. **Psicologia escolar e educacional em busca de novas perspectivas**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), São Paulo, vol. 13, n. 1, p. 179-182, 2009. Semestral. Jan-jun. 2009.

SOUZA, M. P. R. Psicologia Escolar e políticas públicas em Educação: desafios contemporâneos. In: MARINHO-ARAUJO, C. M. (Org.). **Psicologia Escolar: Pesquisa e Intervenção**. Brasília: Inep/mec. 2010. p. 129-149.

VIANA, M. N. Interfaces entre a Psicologia a Educação: Reflexões sobre a atuação em Psicologia Escolar. In: VIANA, M. N; FRANCISCHINI, M. N. V. (Orgs.). **Psicologia Escolar que fazer é esse?** Brasília: Conselho Regional de Psicologia. 2016. Cap. 3, p. 54-73.

VOKOY, Tatiana; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Psicologia Escolar em educação infantil: reflexões de uma atuação. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, p. 95-104, 2005.

WECHSLER, S. M. (1996) **Psicologia Escolar: Pesquisa, Formação e Prática**. Campinas, Ed. Alínea.

WITTER, G. P. (1999) Psicólogo no ensino superior e a Lei de Diretrizes e Bases. IN, R. S. L. GUZZO (org.) **Psicologia Escolar: LDB e Educação Hoje**. Campinas, Ed. Alínea.

YANAMOTO, O. H. OLIVEIRA, I. F.; COSTA. A. L. F. As psicólogas e as mutações no mundo do trabalho. In: YANAMOTO, O. H.; COSTA. A. L. F. (Orgs.). **Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho**. Brasília: Conselho Regional de Psicologia. 2013. Cap. 5, p. 114-131.

ZAVADSKI, K. C.; FACCI, M. G. D. **A atuação do psicólogo escolar no ensino superior e a formação de professores**. *Psicol. USP*, São Paulo, vol. 23, n. 4, p. 683-705, 2012.